



O papel da Gulbenkian



Comentário Luísa Soares de Oliveira

A nave do antigo CAM está muito diferente. Se nos últimos anos esteve dedicada apenas a receber exposições antológicas, ou selecções da Coleção Moderna do Museu Gulbenkian agrupadas por temas, acolhe-nos agora com uma abordagem simultaneamente cronológica e disciplinar ao modernismo e à contemporaneidade em Portugal. E porque é anacrónico hoje querer isolar do seu contexto internacional a arte que se vai produzindo em qualquer lugar, esta nova apresentação inclui peças criteriosamente escolhidas no núcleo de artistas estrangeiros das colecções da Gulbenkian.

O trabalho completa as apresentações que têm vindo a ser feitas desde que Penelope Curtis assumiu a direcção do Museu. Se no espaço da Coleção do Fundador as intervenções são obrigatoriamente de outro tipo – trata-se não apenas de uma colecção fechada, mas também de um edifício que, como uma caixa de jóias, foi concebido para acolher aquela selecção de objectos e pouco mais –, no espaço da Coleção Moderna há lugar para tudo o que se queira. *Portugal em Flagrante*, o título genérico desta exposição, inclui já desde o Verão material gráfico no piso 01. Com a apresentação da pintura no piso 1 e, agora, da escultura e de outras obras tridimensionais na nave, a que se junta a possibilidade de ver filmes de artista na sala junto ao átrio e esculturas nos jardins, o visitante pode criar a sua leitura da arte em Portugal nestas épocas.

Nunca é de mais assinalar que só raramente podemos ver na capital uma apresentação suficientemente completa e correcta desta produção

artística. Olhando para as outras grandes instituições museológicas lisboetas que se dedicam às artes visuais, o Museu Coleção Berardo será a mais atenta em cumprir a sua função. Mas o âmbito é outro, mais focado nos grandes nomes internacionais. Pelo contrário, o Museu do Chiado, decerto por razões mais do que justificadas (mas que nós ignoramos), apenas parcelarmente cumpre o papel de apresentar as suas colecções de arte oitocentista e modernista. Resta a Gulbenkian, que abnegadamente se substituiu a sucessivos governos desde os anos 60 na promoção da arte portuguesa. Se não fosse ela, quantos Amadeos haveria em Portugal? A grande maioria estaria nas mãos de colecionadores estrangeiros.

Por isso, é-nos muito grato ver de novo esta magnífica colecção em exposição, agora enriquecida pelo olhar fresco de Curtis, alheio às intrigas infelizmente habituais no meio artístico, e apoiado numa equipa da casa competente e experimentada. A visita começa com surpresas, como a presença de exemplares de escultura oitocentista e do Estado Novo, que precedem uma montagem onde as associações insólitas são a norma. Quem esperaria ver Lourdes Castro ao lado de Eduardo Nery, não muito longe de um núcleo de esculturas de José Pedro Croft? De um conjunto de obras com dobragens de metal avistam-se as pinturas de António Areal sobre as *Demoselles de Avignon* de Picasso. Perto, as curadoras juntaram Julião Sarmento, Carlos Nogueira e Tília Saldanha. Outros artistas que associáramos à pintura surgem com peças tridimensionais, como Ana Jotta. Mais longe, assinalamos a vizinhança entre Paula Rego e David Hockney.

Os projectos temporários merecerão análise mais detalhada. Por agora, saudemos o regresso da Gulbenkian a uma função que sempre foi sua: generosamente, expor a melhor arte portuguesa a quem a visita.